

Entre cães, ovelhas, galinhas e coelhos

O jovem Arthur Quaresma, 12 anos, acorda todos os dias animado para brincar com a golden retriever Aba, da Fazendinha Interação, sua companheira fiel. “Bom dia? Nada disso, a primeira palavra dele pela manhã é Aba”, ressalta a mãe, Ana Cláudia Quaresma, técnica em saúde bucal. O pré-adolescente, que é autista, teve uma melhora significativa em sua condição quando passou a conviver mais frequentemente com os animais da instituição. Se antes agia com hostilidade a frustrações, hoje se mostra mais calmo e aberto ao tratamento.

O diagnóstico veio aos 3 anos de idade e, desde 2020, ele é acompanhado pelo grupo Interação. A relação com os bichos foi tão positiva que Ana Cláudia até adotou uma cachorrinha para lhe fazer companhia em casa, tanto que, quando Arthur entra em crise, o que o acalma é brincar com a peluda. Entre os outros benefícios relatados estão a comunicação mais eficaz e a maior organização dos afazeres.

Para a pequena Sofia Dias, 4 anos, o contato com a natureza e os animais também é proveitoso. Ela se comunica de forma assertiva, reconhece as emoções e está em estimulação para aumentar o repertório desta expressão e de suas opiniões. Além disso, realiza a sequência lógica de fatos, necessitando apenas de estimulação para o uso de conectivos.

“Estamos trabalhando a noção temporal dos dias da semana e a ampliação do repertório de tolerância a frustração e tempo de espera. Trabalhamos, especialmente, com reforçadores sociais”, explica a fonoaudióloga e coordenadora técnica geral Luana Borges. A profissional lembra que, em casos assim, os sons que os animais produzem (figura de linguagem conhecida como onomatopeia) estimulam a fala das crianças.

Lívia Fernandes, terapeuta ocupacional, especialista em autismo e uma das diretoras do grupo Interação, conta que a Fazendinha foi idealizada com a finalidade de apresentar mais elementos naturais às crianças e ser um plus no tratamento convencional em clínicas. O próprio contato com outras crianças já mostra resultados positivos, para além daqueles adquiridos em terapias individuais.

Vale lembrar que os pequenos que frequentam a instituição não abandonaram os demais



A amizade com a golden retriever Aba, tem ajudado Arthur Quaresma

tratamentos. Trata-se de um complemento. O contato com os animais e a natureza é facilitador do processo de linguagem, é antiestressante, acalma crises, promove leveza, aumenta a afetividade e proporciona o senso de cuidado; faz com que as crianças se sintam mais à vontade.

“Vemos muitos pais dizendo que vão adotar um cachorro para que o amor que o filho recebe aqui esteja presente em casa também”, complementa Lívia. No cotidiano, por exemplo, os pequenos precisam lembrar de dar a comida do cão no horário correto, permitindo exercer o senso de responsabilidade. O grupo Interação é, há 10 anos, referência no tratamento de crianças com autismo e tem ampliado seu trabalho para outros estados.

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



A fonoaudióloga Luana Borges ajuda na interação de crianças com os animais, na Fazendinha

Tudo é bem pensado

Cada parte da Fazendinha cumpre determinada função no tratamento das crianças. Para aquelas que apresentam desordens sensoriais, por exemplo, é possível promover a estimulação apresentando texturas diferentes nos pelos das ovelhas, desde a mais áspera até a mais fofoa. Já com os patos filhotes, trabalha-se a noção de cuidado. Há quem só aceite a terapia por conta do contato com os bichos.

Diego Lima, adestrador e terapeuta da instituição, explica que, apesar de existirem raças específicas predominantes em algumas funções, esta não é uma questão determinante. O que faz diferença, na verdade, é iniciar o treinamento nos primeiros meses de vida dos animais e levantar o temperamento dos seus pais. “Os cães devem ser previsíveis, já que nem sempre as crianças serão. De toda forma, é preciso que nesta relação haja algo motivador para o pet; ele precisa ser recompensado de alguma maneira, com petiscos, carinhos ou brincadeiras”, pontua.

Para os pequenos, há um reforçador social na reciprocidade dos animais, fato que os estimula a buscar mais pelos pets. O olhar no olho, dar comandos, seguir regras e ter organização em um ambiente social mais movimentado são alguns ganhos dessa relação, segundo o psicólogo clínico infantil, especialista em autismo e coordenador técnico da Fazendinha, Genilson Barbosa. Para os animais, há o sentimento de acolhimento. “Animais mudam a vida de uma criança, principalmente uma com autismo”, conclui Ana Cláudia Quaresma.